

¿Se em vez das raparigas que não se salvam, salvássemos a infância que se pode salvar?

BOA AMIGA

A contemplação do mar é propícia à meditação. Ele tem voz: canta, murmura e blasfema. O seu dorso agitado e irrequieto parece ocultar uma alma. A espuma alva das suas ondas, sempre animadas de uma mobilidade constante, é feita de sonho, de caprichos, de graciosa fantasia. E o bater rítmico das grandes vagas nos rochedos de granito lembra o palpitar forte de um coração dentro de um peito de gigante.

Contemplando o extenso oceano que se perde ao longe, na indecisa linha do horizonte, em cuja atmosfera ampla, azul e côncava flutua uma nuvensita leve e vaporosa como um sonho inocente, nossos pensamentos ganham em flexibilidade e fluidês, e o nosso raciocínio torna-se claro e luminoso como o reflexo do sol na vasta superfície das águas.

Foi há dias, nas costas de Cascais, sôbre as rochas inabaláveis que a carícia do mar perfura, que me acudiram à mente os pensamentos mais puros. De olhos fitos na amplidão azul vi erguerem-se, como ondinas de mistério, do fundo transparente das águas, as mais flavas visões de sonho. E mergulhei no sonho, voluptuosamente, como um banhista encalmado na frescura espumosa e branca das ondas carinhosas.

Sonhei, sonhei muito. Tu não gostas de sonhar, Heliadora? O sonho desabrocha na alma humana como a flôr na haste de uma planta. O sonho é a florescência linda dos nossos anseios, dos nossos desejos, das nossas aspirações.

¿E sabes que visões perpassaram ante os meus olhos sôbre a planura infinita e scintilante do mar? Frescos e alegres jardins atapetados de relvedo e protegidos por arvores altas e elegantes, em cujos ramos extremos o sol pintava cabeleiras fulvas; ranchos inquietos de bebês graciosos, de louras e aneladas cabeças; e, compartilhando do bulício chilreante dos garotos, mulheres formosas que tomavam parte em seus folguêdos sôbre a relva fofo.

Olhei então as águas do oceano, a meus pés, e eram verdes como a relva dos jardins, mas de uma transparência de esmeralda. E os meus sonhos tomaram por outra vereda mais sombria e tenebrosa. Vi então, querida Amiga, com uma nitidez sinistra, tôscas barracas de madeira, de cujo interior lóbrego saiam negras figuras de miséria levando no regaço e pela mão minúsculas e raquíticas crianças. Esta visão lembrou-me aquelas nuvens tristonhas que de súbito empanam o brilho do sol e cobrem de luto a face resplandecente do horizonte sem fim.

A sociedade de hoje, assim, negra e sinistra, é também uma nuvem sombria que tolda o horizonte límpido dos nossos sonhos. Se os homens fôssem mais cordatos e as ambições não os transformassem em inimigos dos seus próprios interesses, verificar-se-ia na vida social um equilíbrio tão perfeito que os nossos sonhos de beleza, querida Heliadora, materializados prontamente, confundir-se-iam com a realidade das cousas.

Uma sociedade que não rodeia a infância daqueles carinhos e confortos que, por enquanto, vivem apenas na fantasia daqueles que são, como nós, considerados lunáticos desprezíveis, está irremediavelmente perdida. Temo mais, boa Heliadora, os erros dos homens egoístas do que os castigos dos deuses. Livremo-nos dos erros humanos, porque dos divinos nos salvaremos nós. O mundo não acabará, podes crer, por uma platónica deliberação dos deuses escarnecidos. Não há que temer, como nos bíblicos tempos, os dilúvios impiedosos, nem que esperar os manás do céu. Os dilúvios e os manás estão indistintamente nas nossas mãos. Saibamos ter a sábia intuição das necessidades humanas, e uma nova era, como um sol rutilante em manhã primaveril, banhará com seus benéficos raios a humanidade inteira.

O futuro está na infância. Tratá-la com aquele carinho que o jardineiro apaixonado dispensa à planta débil para que floresça e irradie perfumes embriagantes, é preparar uma humanidade nova, sã e forte. Ensinemos as mães ignorantes a cuidar, como seus corações exigem, de seus filhos, com inteligência e tacto. Facilitemos a criação de jardins deliciosos onde

a infância sorva a largos e vivificantes haustos a atmosfera perfumada e pura. Lutemos pela edificação de escolas banhadas de luz, circundadas de arvoredos, onde a petizada aprenda brincando e cantando. E esta missão, esta propaganda em prol da infância ¿a quem melhor competiria, Heliadora, senão à Mulher que sabe sempre encontrar no seu temperamento carinhoso inéditos carinhos?

Anda para aí tanta gente empenhada em salvar as raparigas que já não se salvam ¿porque não havemos, de preferência, salvar a infância que ainda se pode salvar?

E' preciso — sob pena da geração de amanhã surgir mais degenerada do que a presente — dar à infância melhores cuidados de educação, de conforto, de higiene e de mais livre e sã moral.

Estas ideas brotaram da visão suave da harmonia natural das cousas, perante o irrequieto oceano. Se elas encontrassem no teu coração o eco que merecem, e se tu te empenhasses em espalhá-las com o poder convincente da tua beleza, e se, dentro em breve, muitas mulheres bondosas como tu acorressem, pouco a pouco, à salutar propaganda como as ondas gentis e cantantes à praia dourada — talvez este sonho, tão leve, tão fantasioso, não passasse, num futuro próximo, de uma banal realidade.

Eu assim o desejo, como tu, Heliadora, o desejas também. Aproveita o ensejo para saudar na tua formosura e na tua bondade, a formosura e a bondade de amanhã, o teu amigo

MÁRIO DOMINGUES

A-propósito duma crítica



Em umas afirmações infelizes, feitas na página literária da «Ilustração» (1 de outubro), de que foi redactor provisório, o sr. Alvaro Maia mostrou-se pouco amável para com os indianos e as suas legítimas aspirações.

Uma nota da Direcção nessa revista e o meu distinto colega e amigo sr. António Furtado num dos últimos números deste Suplemento, demonstraram sumariamente a injustiça dessas afirmações. Mas como entre estas havia algumas que requeriam uma refutação mais cuidadosa, justamente porque constituem erros gerais que é doloroso ouvirem-se a cada passo da boca, às vezes, de pessoas respeitáveis, não acho inoportuno inserir nestas colunas algumas passagens duma carta-protesto que eu redigi poucos dias depois do artigo do sr. Maia e que não foi publicado a tempo por impedimento dum amigo que fôra encarregado dessa publicação.

Nessa carta analisava eu uma por uma as afirmações do sr. Maia. Mas agora, depois do excelente artigo do sr. António Furtado, sómente me occuparei daquelas a que este se não referiu ou se referiu muito sucintamente.

I — Os indianos deram em pedir a independência com uma perrice e uma teimosia tais que se diria nada deverem à civilização ocidental.

E' uma lógica de pé quebrado... Identidade de civilização não importa sujeição política.

A India podia dever tudo à civilização ocidental, pertencer mesmo orgânicamente a essa civilização e contudo clamar perra e teimosamente pela sua liberdade, tendo razões para isso. Admitir o contrário seria alcinhar de perras etc., os compatriotas do sr. Maia que libertaram Portugal do jugo dos Filipes. Pois se Portugal e Espanha mamavam o leite da mesma civilização!...

Mas vamos a ver o que a India deve à civilização ocidental. Sôb o ponto de vista material, só a ruína e a escravidão. As fábricas inglesas deixaram à fome dois terços da população da India arruinando as suas ricas indústrias manufatureiras. As vias-férreas são, como as vias romanas, o instrumento da sujeição da India pois é por meio delas que o oficial inglês penetra no mais recôndito do seu coração...

Na esfera cultural, o coeficiente europeu na civilização hindu (tem como bem demonstrou o Dr. Santana Rodrigues no seu livro «India contemporânea») o seu equivalente no coeficiente hindu na civilização europeia. E nem o podia deixar de ser. A pretensão de que certo povo deve o que é a si próprio coadjuvado pelos diversos determinismos que o impelem, um é mito. Ao soerguermos o berço de determinada civilização, toparemos sempre com as cinzas duma

(Conclui na 6.ª página)

A-propósito duma crítica

(Conclusão da 1.ª página)

civilização que a precedeu. A Índia não podia escapar à regra. E nem ela o desejou nunca.

Nascida sobre as cinzas de Mohenjo-Daro, há pouco descobertas, ela absorveu no decurso dos séculos, no seu organismo vivo, o melhor das civilizações que passaram sobre o seu seio.

Hoje deseja fazer o mesmo as civilizações que coexistem. Longe de se encerrar em si própria estreita e egoisticamente ela «abre de par em par as suas portas para que o sopro de todas as culturas perpassasse livremente pela sua morada» (Gandhi). Somente se reserva o direito de respirar delas a parte que lhe convém. Este direito, que é o segredo do triunfo do moderno Japão, não concedem porém, à Índia, as nações ocidentais.

E se ela comete a *imprudência* de o exigir com uma relativa insistência, todas elas, em côro com o sr. Maia, apodam êsse legítimo esforço de... «perrice» e «teimosia»...

II — «... *mocidade que as terras descobertas pelos portugueses de quinhentos exportaram para os liceus e universidades desta terra...*»

Guignes, Radaillac, Ouattrefages e muitos outros arqueólogos e antropologistas encontraram nas civilizações mortas da América vestígios profundos das civilizações chinesa e indiana, o que faz supor que os chineses com os indianos *tivessem descoberto* o Novo Continente muito antes de Colombo.

A Índia e a China mandaram embaixadas a Marco-Aurélio, imperador romano, e sabido o gosto de semelhantes embaixadores por viagens aventureiras, não repugna admitir que a *visita do inclito Gama às praias do Indostão não fôsse mais do que uma retribuição tardia e em muito má moeda duma outra visita longínqua feita pelos hindus aos seus remotos avós contemporâneos dos... Viriatos...*

Quanto ao emprêgo do verbo *exportaram*, o sr. Maia fê-lo inconscientemente com muita propriedade... A Índia tem, por força, de exportar alguma coisa para entreter a vaidade ocidental. Noutro tempo, era o ouro das suas entranhas que vinha. Hoje, exauridas estas, que pode exportar a pobre senão os seus próprios filhos?...

III... *Mocidade que deve aos portugueses categoria de gente...*

Ser gente é provavelmente, para o sr. Maia, trazer chapéu e gravata, calçar botas, falar português e ir à missa... Mas suponhamos que uma fatalidade histórica semelhante à que levou a Índia às mãos de Portugal, levasse Portugal às mãos da Índia e esta lhe impusesse o turbante em vez do chapéu, o *marathy* em vez do português e o pagode em vez da igreja... não teriam os indianos, na lógica do sr. Maia, o direito de dizer também que os portugueses lhes deviam o *terem categoria de gente*?

De resto parece que os portugueses de quinhentos eram tanto ou mais *gente* do que os *dele*. Como explicar doutro modo o assombro ingénuo destes, expresso nos próprios Lusíadas, quando, aportando pela primeira vez a Calicut, talvez na suposição de que iam lidar com alguma tribu de cafres, quedaram envergonhados da rudeza dos seus próprios trages ao toparem com a indumentária faustosa da sociedade nativa? E a solicitude de Albuquerque em proteger a extraordinária instituição das comunidades aldeãs, nervo e alma da vida rural dos povos de Gôa?

E a reserva feita pelo grande Pombal, aos naturais da Índia Portuguesa, do comércio de Moçambique? Como explicar tão estranhas atitudes da parte dos dominadores senão pelo reconhecimento tácito da superioridade dos dominados?

Há contudo um ponto em que a expressão *ser gente*, aplicada, teria alguma razão de ser. É no caso de se referir à mocidade indiana

Saneamento moral

(Conclusão da 5.ª página)

devem ser os pontos de convergência dessa sublime tarefa, difícil de realizar porque a opor-se ao seu desenvolvimento e actuação se levanta a soez atitude da boçalidade inata e da maldade estrutural.

A beleza física e a beleza moral têm que caminhar a par. O coração e os músculos têm jus ao mesmo carinho, e enquanto o teatro, numa grande parte, fôr o pretexto sórdido para exhibições grotescas e exposições doentias de caracteres falhados para quem a filosofia da vida é uma palavra vã e a solidariedade humana uma afirmação irrisória; enquanto muitas das páginas dos livros que se publicam forem uma incolor estadeiação de palavras *manquês* e de assuntos frívolos, ou de enredações estilísticas sem vivacidade nem fim útil, a obscuridade há-de campear e o sentido da educação há-de fazer-se errado, mesquinho, pobre, vicioso!

Não basta evitar o mal, é indispensável criar o bem, pelo exemplo das palavras e pela unção benéfica dos sentimentos puros. Espalhar a beleza deve ser a maior aspiração dos que andam apostados em sanear a vida e libertar os corações para que estes e aquela vibrem de verdade, pulsem de sinceridade e de amor.

Bem mais prejudicial do que as brochuras de uma dúzia de páginas que os vendilhões apregoam na estreita Travessa de S. Domingos, é o mau teatro sem finalidade e o mau livro onde se ensina a ser inútil, malicioso, perverso ou sensual.

Para que se defenda a boa moral, convém que se crie a própria Moral, a Moral natural, humana, nunca a moral dos tratados, convencional, amaneirada, bem relativa, por certo.

NOGUEIRA DE BRITO

residente nesta terra. Neste caso — infelizmente para nós — o sr. Maia teria razão. E' que, na verdade, tudo tomamos a Portugal: a língua, o traje, a mentalidade e, numa certa medida, o temperamento. Mas dever-lhe hemos agradecimento por isso? Gratidão supõe no sujeito vantagem realizada e no objecto intenção de a realizar. E nem nós auferimos vantagem nenhuma *especial* da nossa situação, em que nos achamos por uma mera fatalidade histórica (que há nela de mais vantajoso do que aprender *marathy*, vestir à hindu ou cursar uma Universidade indiana?), nem da parte contrária houve intenção de nos beneficiar, sabido que o móbil da dominação portuguesa na Índia foi ao princípio um interesse religioso e finalmente, exauridas as riquezas e afrouxado o proselitismo, a ausência completa de todo e qualquer interesse.

Tudo o que aí vai dito e resta a dizer são verdades históricas que todo o português culto conhece e lamenta e que alguns portugueses incultos me obrigam a dizer publicamente muito contra a minha vontade. Digo isto para afastar dos leitores alguma nuvem de suspeição que empana as minhas intenções ao escrever estas linhas.

Longe de significarem má-vontade a Portugal ou à raça portuguesa cujas virtudes admiro no presente e na história, elas mostram apenas o desacordo que quási sempre existiu entre as tendências deste povo e a política dos seus governantes. E é inútil explicar-me mais, porque êsse desacordo sente-se hoje mais flagrantemente do que nunca.

Voltarei ao assunto.

Coimbra-Outubro de 1926.

ADEODATO BARRETO

O problema pedagógico

(Conclusão da 4.ª página)

da nossa existência, como individuo, como povo e como nacionalidade.

A cultura geral não existe entre nós. Por isso não nos faltam bons doutores, médicos, engenheiros ou advogados. Qualquer deles em geral, porém, é um ignorante de cultura geral ao lado dum marinheiro alemão ou japonês.

Esta insuficiência de cultura geral, vulgarmente conhecida pelo nome de incompetência, é a determinante principal de toda a nossa falência moral e material.

Chega-se às maiores culminâncias do Estado, não tanto pelos méritos próprios como pelas portas escancaradas do favor.

Porisso tantas vezes fazemos triste figura como com o caso da apreensão dos navios alemães, que só nos serviram para demonstrar ao mundo que não temos capacidade administrativa.

Triste figura fizemos com as preciosidades arqueológicas vindas das escavações científicas da Assíria, e apreendidas a bordo do vapor alemão — Cheruskia.

Com esta triste apreensão demonstrou-se a nossa ignorância geral, ainda mesmo nos mais doutos. Verificou-se que nem temos orientalistas, na acepção geral do termo, nem egiptólogos e assiriólogos.

Houve um ministro que mandou abrir uma das caixas das preciosidades da Assíria para ver... o que estava dentro!

E na alfândega, ignorando as precauções que a assiriologia aconselha para estas melindrosas operações, os moços meteram-lhe o martelo e o escopro, como se fôsem caixotes de batatas, e tudo se escangalhou, sem que o ministro ficasse sabendo o que aquilo era!

E por último, e foi o melhor, restituíram-se as pedras e adornos à Alemanha!

A que vem, pois, falar-se tão frequentemente das nossas crises parciais e isoladas?

Que significa a crise financeira senão incapacidade administrativa?

O que é a crise económica senão insuficiência de trabalho?

A falta de trabalho é um crime propriamente de responsabilidade capitalista num país, como o nosso, em que o atraso é geral e tudo está por fazer.

A chamada questão religiosa resulta da insuficiência de conhecimento deste povo, que, descorçoado dos homens, apela para o suposto Eterno de onde, na sua simplicidade afectiva, espera do Céu a salvação que na Terra até agora ainda não encontrou.

Não ha crises parciais, mas uma única — a crise pedagógica — de que todas as outras são meros acidentes.

Tudo em Portugal se reduz a um único problema, o mais importante, o mais fundamental, aquele de que todos os outros são méros subsidiários — o Problema Pedagógico.

Por ignorância da puericultura, matamos 50 % dos nossos filhos e a população não se desenvolve!

Do desconhecimento geral das cousas provém a indiferença por tudo que não interesse à materialidade da usura e do amor!

E assim se sustentam as crises económicas e financeiras.

As chamadas questões políticas em Portugal não passam de questões estomacais. Por isso com elas resolvem-se empregos e favores, dão-se prémios e exercem-se castigos, mas nunca se pratica a sciência administrativa dos povos, como convinha.

O fomento consegue-se pelo trabalho, e este impõe conhecimentos que não temos e hábitos que não possuímos.

Catedráticos e analfabetos, vamos todos aprender a ler.

LADISLAU BATALHA